

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA JURÍDICA**

SAMANTA GIRARDELO

**A RELAÇÃO DOS MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA COM A PSICOPATIA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

São Leopoldo

2020

SAMANTA GIRARDELO

**A RELAÇÃO DOS MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA COM A PSICOPATIA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Jurídica, pelo Curso de Especialização em Psicologia Jurídica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa. Me. Sarah Reis Puthin

São Leopoldo
2020

A RELAÇÃO DOS MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA COM A PSICOPATIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

THE RELATIONSHIP OF CHILD MALTREATMENT AND PSYCHOPATHY: A SYSTEMATIC REVIEW

Samanta Girardelo*

Profa. Ma. Sarah Reis Puthin**

Resumo: Os maus-tratos na infância podem deixar marcas e lacunas importantes na vida e no desenvolvimento psíquico da criança vítima, que moldará sua personalidade segundo suas vivências, podendo levar consigo marcas e consequências dessas violências. A Psicopatia, por sua vez, é um Transtorno de Personalidade que se caracteriza principalmente pela frieza emocional, falta de remorso e empatia, bem como comportamentos antissociais. Ainda se busca compreender como esse constructo é desenvolvido e formado, não se tendo uma única etiologia para tal. Este estudo teve por objetivo realizar uma revisão sistemática na base de dados internacional Pubmed, de artigos empíricos publicados entre 1975 e 2019 que avaliavam a relação dos maus-tratos com a Psicopatia. Dezesesseis artigos foram contemplados neste estudo sob os critérios de inclusão, sendo analisados os instrumentos utilizados para cada avaliação, os resultados obtidos quanto à relação dos maus-tratos com a Psicopatia e se havia algum tipo de violência mais predominante para o desenvolvimento da Psicopatia. Os resultados demonstram que existe uma relação significativa entre os maus-tratos sofridos na infância e o desenvolvimento de traços psicopáticos na vida adulta. No entanto, não foram encontrados dados consideráveis quanto à prevalência de algum maltrato específico para o desenvolvimento da Psicopatia. Os dados encontrados nessa pesquisa são significativos e vem de encontro a outras pesquisas realizadas. Sugere-se a realização de outros estudos que abordem a relação entre violência na infância e Psicopatia.

Palavras-chave: Maus-tratos. Infância. Psicopatia.

Abstract: Child abuse can leave important marks and gaps in the life and psychic development of the victim child that will shape your personality according to your experiences, and carry with you marks and consequences of this violence. Psychopathy, in turn, is a Personality Disorder that is characterized mainly by callous unemotional, lack of remorse and empathy, as well as antisocial behaviors. It is still sought to understand how this construct is developed and formed, not having a single etiology for this. This study aimed to conduct a systematic review in the international Pubmed database, of

* Psicóloga, Pós-Graduada em Psicologia Jurídica, Autora principal, e-mail: sagirardelo@gmail.com

** Professora orientadora. Psicóloga (CRP 07/16891), Doutoranda em Ciências Criminais (PUCRS), Mestre em Psicologia (PUCRS), Especialista em Ciências Penais (PUCRS) e Especialista em Psicologia Jurídica (CFP); e-mail: sarahputhin@gmail.com.

empirical articles published between 1975 and 2019 that evaluated the relationship between maltreatment and psychopathy. Sixteen articles were contemplated in this study under the inclusion criteria, and the instruments used for each evaluation were analyzed, as the results obtained regarding the relationship between maltreatment and psychopathy. The results show that there is a significant relationship between child abuse and the development of psychopathy traits in adulthood. However, no considerable data were found regarding the prevalence of any specific maltreatment under the development of psychopathy. The data found in the research are significant and are in line with other studies. It is suggested to carry out further studies that address the relationship between violence in childhood and Psychopathy.

Keywords: maltreatment, childhood, psychopathy.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a criança e o adolescente, infelizmente, é uma realidade da nossa sociedade e por isso um tema demasiado discutido entre profissionais da saúde, do direito e da assistência social. O Brasil é um dos únicos países do mundo que possui uma legislação específica de proteção à criança e ao adolescente, que é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e ainda assim é um país em que muitas crianças são maltratadas.

Segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), no período de 2011 a 2017 foram registradas 219.717 notificações de violência contra crianças e 372.014 contra adolescentes. Os maus-tratos infringidos são de ordem física, sexual, moral, psicológica, emocional, bem como negligências e privações em geral. “Crianças e adolescentes sofrem mais violência, abuso e vitimização criminal do que outros segmentos da população” (FINKELHOR; TUCKER, 2015, p. 408), e isso acontece quase que majoritariamente dentro da relação familiar.

No que tange à violência na infância, Philippe Ariès (1981), em seu livro *A História Social da Criança e da Família*, já evidenciava o papel que a criança assumia em diversos contextos ao longo dos séculos, tendo sido colocada em posições consideradas desprezíveis dentro da família e na sociedade, vistas como propriedades paternas e com diferentes valores segundo gênero e posição geracional. Ariès (1981) aponta que a família não podia, portanto, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. Sendo assim, os maus-tratos contra crianças constituíam, muitas vezes, práticas cotidianas no núcleo familiar.

Pode-se definir a violência intrafamiliar como “toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família” (CESCA, 2014, p. 41), vindo, no caso da criança, a prejudicar o seu desenvolvimento global. Dois estudos que avaliaram fatores de risco e proteção no desenvolvimento infantil mencionam como fatores de risco para o desenvolvimento da criança a negligência e a violência psicológica (MAIA; WILLIAMS, 2005), bem como a violência familiar, desagregação familiar, violência física, abandono e maus-tratos, salientando que, “quando muitas situações de risco se associam, elas dificultam o cumprimento da agenda desenvolvimental, a aquisição de habilidades e o desempenho de papéis sociais” (SAPIENZA, PEDROMÔNIO, 2005, p. 211).

Diversas são as formas de violência contra crianças e adolescentes e incontáveis são as consequências que elas causam. Ainda que encontrem certos obstáculos quanto à identificação dos maus-tratos no âmbito familiar e seus efeitos, é claro e necessário o enfrentamento desse problema. Por isso, o trabalho da psicologia, e mais especificamente da psicologia jurídica, vem ganhando espaço nos âmbitos social e jurídico, oferecendo um modo mais fidedigno de avaliação e cuidado para com as crianças vítimas de violência.

“A negligência e o abuso de crianças podem causar terríveis danos psicológicos [...] entre crianças com idade pré-escolar, por exemplo, aquelas que sofrem abuso e negligência são mais propensas a ataques de raiva” (HARE, 2013, p. 177). Assim, a violência que foi sofrida na infância pode vir a reaparecer como comportamento repetido da vítima em idade adulta, e isso, por sua vez, vir associado não só a um conteúdo comportamental, mas a uma questão mais objetiva e global da personalidade, como um Transtorno de Personalidade.

A Psicopatia é compreendida como um Transtorno de Personalidade que comporta características específicas nos âmbitos afetivo, comportamental e interpessoal, cujo desenvolvimento e etiologia ainda são pouco conhecidos, apesar de que “em 1940, Cleckley já tivesse reconhecido a Psicopatia como um transtorno de personalidade que tem suas raízes estabelecidas na infância e adolescência” (DAVOGLIO et al., 2012, pg. 456). Os maus-tratos ocorridos na infância, então, podem ser um fator relacionado ao desenvolvimento da Psicopatia. Sendo assim, este trabalho buscou investigar sobre a relação entre maus-tratos na infância e Psicopatia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Os maus-tratos na infância e suas consequências

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006, p. 23), no Brasil, principalmente nas duas últimas décadas, não se consegue falar de crianças e adolescentes sem que o tema da violência venha à tona, indicando serem “esses dois grupos os mais expostos e vulneráveis a sofrerem violações de seus direitos, afetando direta e indiretamente sua saúde física, mental e emocional”. Estas violências deixam marcas registradas na vida, no corpo e no psiquismo desses sujeitos.

Patias, Siqueira e Dias (2012) discutiram sobre as práticas educativas parentais coercitivas, explanando que neste tipo de disciplina os pais podem recorrer à ameaça ou ao uso direto de força, punição física e privação de privilégios, podendo evoluir para situações de violência mais intensas. Isto demonstra que ainda hoje o maltrato físico, por vezes, pode ser passado de forma geracional como método de educação, não excluindo as consequências que o ato pode causar.

“O abuso físico é todo ato violento com uso da força física de forma intencional, não acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou por outras pessoas, com o objetivo de ferir, lesar ou destruir a criança ou adolescente” (BRASIL, 2006, p. 25). Nesse sentido, Habigzang e Koller (2012, p. 44) relatam que “famílias com história de abuso físico revelam que os pais tendem a desencadear menos situações de interação com seus filhos do que pais não abusivos”, demonstrando que este ato não vem sozinho, mas pode estar facilmente associado a outros tipos de danos e/ou maus-tratos.

De acordo com Barbosa e Pegoraro (2008, p. 79):

As consequências do abuso físico podem ser percebidas no próprio corpo da criança, através dos impactos mais imediatos e mais facilmente identificados, como os que deixam marcas visíveis, principalmente na pele ou no sistema ósseo. Ou em nível psicológico, que são consequências geralmente de médio e longo prazo e de identificação mais difícil, mas que afetam o desenvolvimento socioemocional, comportamental e cognitivo.

“O problema da violência doméstica reside no fato de a criança estar em processo de formação da mente e do caráter enquanto vítima dos maus-tratos, influenciando diretamente na sua maneira de pensar, agir, sentir e demonstrar”

(CHIOQUETTA, 2014, p. 174). Em se tratando de violência sexual, a contextualização infelizmente não muda.

“O abuso sexual constitui todo ato ou jogo sexual com intenção de estimular sexualmente a criança ou o adolescente, ou visando a utilizá-los para obter satisfação sexual” (BRASIL, 2006, p. 25). No que diz respeito ao abuso sexual intrafamiliar, este destaca-se como “o mais prevalente quando comparado àquele perpetrado por pessoas de fora da família e sem vínculos significativos com a vítima” (ROVINSKI; PELISOLI, 2019, p. 17), causando consequências que podem ser devastadoras.

Diversos estudos demonstram que as consequências do abuso sexual infantil estão presentes em muitas esferas da condição humana, “deixando marcas – físicas, psíquicas, sociais, sexuais, entre outras – que poderão comprometer seriamente a vida da vítima que passou por determinada violência” (FLORENTINO, 2015, p.140). Um estudo feito por Fergusson, McLeod e Horwood (2013) investigou o abuso sexual infantil ao longo de 30 anos, em uma amostra de 1.265 crianças Neozelandesas, obtendo como resultados das consequências deste abuso para o seu desenvolvimento: um maior risco para problemas de saúde mental, sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, baixa autoestima, comportamentos sexuais de risco e doenças físicas.

Já a violência psicológica é mais difícil de ser conceituada e diagnosticada, apesar de bastante prevalente nas relações. Ela é entendida como toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, a identidade ou ao desenvolvimento da pessoa, incluindo desvalorização, isolamento de amigos e familiares, ridicularização, manipulação afetiva, omissão de carinho, ameaças, entre outras (BRASIL, 2001), podendo ser inferida no outro de forma profunda e agressiva, não deixando marcas visíveis, mas afetando todo o desenvolvimento subjetivo, emocional e social dessa criança.

Gomide (2010) explica que o abuso psicológico pode ser verbal ou ações que humilhem, depreciem, rebaixem a autoestima, enquanto a negligência emocional ocorre quando os pais falham em promover condições favoráveis para que o desenvolvimento da criança seja saudável, como dar amor, afeto, apoio, valores morais. “No rol das privações, a emocional, ocorrida nos primeiros anos de vida, é a que atinge mais profundamente o ser humano” (SÁ, 2014, p. 72), conseqüentemente podendo causar danos que ficam mais enraizados no indivíduo, já que o afeto é o

sentimento que naturalmente mais está presente nas relações, sendo base para a criação dos vínculos.

Através disto, e entendendo que as primeiras relações e o ambiente de desenvolvimento possuem um papel importante na construção da personalidade do sujeito, há de se pensar sobre a qualidade dessas relações, que quando não satisfatórias imprimem na criança e na construção da sua personalidade marcas desajustadas ou prejudiciais. Bowlby (1995, p. 43) diz que “quanto mais completa a privação nos primeiros anos, mais indiferente à sociedade e isolada uma criança se torna”, e em se tratando de contexto familiar e desenvolvimental, sabe-se que em diversas realidades essas relações não são suficientes no sentido de ofertar tanto necessidades básicas de subsistência, quanto no sentido da capacidade de criação de vínculos, oferta de afeto e exemplo comportamental.

2.2. A Psicopatia e suas manifestações

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – Versão V (DSM-V), os Transtornos de Personalidades (TP) podem ser compreendidos como um “padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo”, sendo caracterizado como difuso e inflexível, tendo início “na adolescência ou início da fase adulta, é estável ao longo do tempo e leva a sofrimento ou prejuízo” (APA, 2014, p. 645).

No que tange aos transtornos de personalidade, torna-se importante buscar informações específicas advindas de seus momentos de infância e juventude, a fim de investigar características particulares que se encaixem em algum transtorno, visto que “as experiências advindas da prática clínica e psicossocial acusam a existência, no mínimo, de traços muito expressivos de TP em idades precoces” (DAVOGLIO et al., 2012, pg. 454). Dentre os transtornos de personalidade abrangentes no DSM-V e na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – 10ª edição (CID-10) está o Transtorno de Personalidade Antissocial, e neste faz-se referência à Psicopatia.

O estudo da Psicopatia é considerado relativamente recente e iniciou na área da medicina legal, quando os médicos embarcaram em uma tentativa de compreensão e descrição de criminosos agressivos e cruéis que não apresentavam sinais de insanidade. Após isso, o primeiro nome importante e significativo na busca

da compreensão deste construto é o do médico Philippe Pinel, que em 1801 notou que alguns pacientes que estavam envolvidos com comportamentos impulsivos e extrema violência “eram capazes de compreender a irracionalidade do que estavam fazendo” (ARRIGO; SHIPLEY, 2001, p. 327), criando então o termo “*manie sans delire*” (mania sem delírio).

Posteriormente, o britânico J.C. Prichard (1835) aceitou a teoria de Pinel, contudo discordou deste acerca da moralidade neutra desse transtorno, incluindo outras condições mentais e emocionais, e entendendo que as ações desses indivíduos significavam um defeito de caráter. Posteriormente, em 1904, Emile Kraepelin identificou quatro tipos de pessoas que seriam associadas à personalidade antissocial, sendo elas “mentirosos e vigaristas”, “criminosos por impulso”, “criminosos profissionais” e “vagabundos mórbidos”. Só então, em 1909, K. Birnbaum sugeriu o termo “Sociopatia” como mais apto para designar esses casos, e se posicionou colocando que para ele “nem todos os delinquentes tinham defeitos morais ou eram naturalmente constituídos para serem criminosos, mas que eram fruto do ambiente social em que estavam inseridos” (OLIVEIRA, 2011, p. 3).

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) e a Sociopatia são comumente confundidos com a Psicopatia ou entendido como o mesmo transtorno. Segundo Salvador Silva et al. (2012, p. 240), “esses transtornos compartilham alguns sinais e sintomas da Psicopatia, como comportamentos antissociais, impulsividade e irresponsabilidade”. No entanto, existem diferenças importantes entre eles, que se apresentam na obrigatoriedade da esfera afetiva e interpessoal do Psicopata, que contemplará o aspecto da frieza emocional, que não é necessariamente existente no Antissocial. “O Psicopata apresenta ausência de afetividade; egoísmo, narcisismo e um tipo particular de exibicionismo [...] não tem consciência crítica e é incapaz de se colocar no lugar do outro para julgar seu próprio comportamento” (TRINDADE et al., 2009, p. 60).

Desta forma, não deve se confundir os termos e os diagnósticos, apesar de suas semelhanças. O Antissocial geralmente apresentará algumas características que também se apresentam no Psicopata, mas a Psicopatia apresenta características não mencionadas no TPAS, referente às esferas antissocial e afetiva do indivíduo (SALVADOR-SILVA et al., 2012). Por tratar-se de pessoas que tem enraizados em sua estrutura psíquica de personalidade esta forma de ser e se comportar, e não por

alterações exclusivamente mentais que o impelem a agir e sentir de determinada forma, o Psicopata não está assim, ele é assim.

A partir disso, as pesquisas para compreensão da Psicopatia foram crescendo, e ganharam mais consistência e notoriedade com Harvey Cleckley, que construiu um perfil clínico da Psicopatia e suas manifestações em sua famosa obra "The Mask of Sanity" (A Máscara da Sanidade). Concebeu-se então "o quadro em termos de traços de personalidade, enfatizando os aspectos interpessoais e afetivos" (HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2009, p. 338).

Cleckley (1976, p. 337-338) apresentou um perfil da Psicopatia, indicando os traços mais significativos da perturbação como sendo:

Encanto superficial e boa inteligência; Inexistência de alucinações ou de outras manifestações de pensamento irracional; Ausência de nervosismo ou de manifestações neuróticas; Ser indigno de confiança; Ser mentiroso e insincero; Egocentrismo patológico e incapacidade para amar; Pobreza geral nas principais relações afetivas; Vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada; Ausência de sentimento de culpa ou de vergonha; Perda específica da intuição; Incapacidade para seguir qualquer plano de vida; Ameaças de suicídio raramente cumpridas; Raciocínio pobre e incapacidade para aprender com a experiência; Comportamento fantasioso e pouco recomendável com ou sem ingestão de bebidas alcoólicas; Incapacidade para responder na generalidade das relações interpessoais e Exibição de comportamentos antissociais sem escrúpulos aparentes.

Muito se discute e grandes são as dúvidas referentes às causas da Psicopatia. Conhecer a etiologia de qualquer psicopatologia é importante não somente como forma de auxílio para o entendimento e acompanhamento psicológico de qualquer que seja o problema, transtorno ou distúrbio do indivíduo, mas é principalmente um auxiliador da compreensão do porquê daquelas características e comportamentos específicos. A causa do transtorno psicopático ainda é um tópico latente entre pesquisadores, e "há muitos estudos a respeito da etiologia da Psicopatia que envolvem pesquisas sobre aspectos genéticos, biológicos, orgânicos e em relação ao meio ambiente" (FRITZEN; SEHNEM, 2018, p. 158).

Segundo Barbosa Silva (2014, p. 91), "os Psicopatas apresentam, em sua história de vida, alterações comportamentais desde a mais tenra infância até os seus últimos dias, revelando que, antes de tudo, a Psicopatia se traduz numa maneira de ser, existir e perceber o mundo", mostrando que as características desse constructo podem ser notadas ainda na infância e, portanto, também causadas nela. Hare (2013, p. 173) concorda quando diz que "as atitudes e os comportamentos do Psicopata são,

muito provavelmente, resultado de uma combinação de fatores biológicos e forças ambientais”. Alvino de Sá (2014, p. 81), em sua obra *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal*, cita uma pesquisa de Bowlby com 102 infratores reincidentes, que obteve o resultado de que “a angústia decorrente de relações primitivas insatisfatórias predispõe a criança a reagir futuramente de forma antissocial”.

Nota-se que a Psicopatia é um transtorno demasiado complexo de se compreender e avaliar, motivo pelo qual demandou e ainda demanda estudos muito significativos, mas ainda com lacunas a serem preenchidas. A estrutura do transtorno da Psicopatia já é mais bem compreendida, no entanto, ainda há de discutir sobre sua etiologia e sua verdadeira relação com o ambiente estrutural da personalidade na infância.

2.3. Avaliação Psicológica em situações de violência e na identificação da Psicopatia

Todos os tipos de maus-tratos que ocorrem na infância, como já visto, acontecem principalmente no meio familiar e podem deixar marcas por toda a vida da criança. Devido a este contexto de incidência, verificar se a violência está ocorrendo se torna uma tarefa complexa, mas imprescindível. Desse modo, tem-se a possibilidade de acessá-la a partir da realização de uma avaliação psicológica, prática exclusiva do profissional de Psicologia, que dispõe de métodos para a avaliação e análise dos possíveis maus-tratos contra crianças e adolescentes em diversos âmbitos.

A avaliação psicológica é definida pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), segundo a Resolução 09/2018, como:

Um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas (CFP, 2018).

O profissional psicólogo dispõe de uma série desses métodos, técnicas e instrumentos, que são reconhecidos cientificamente e podem ser usados como forma de auxílio no momento da avaliação e da compreensão dos aspectos analisados e informações obtidas, bem como para tomada de decisão. Consideram-se fontes

fundamentais de informação na avaliação psicológica os testes psicológicos aprovados pelo CFP, entrevistas psicológicas, anamnese e protocolos ou registros de observação de comportamento; e, como fontes complementares, as técnicas e instrumentos não psicológicos que possuam respaldo científico e documentos técnicos, como protocolos e relatórios multiprofissionais (CFP, 2018).

As demandas para avaliações psicológicas são inúmeras, e sem dúvidas os casos relacionados aos maus-tratos infantis fazem parte de uma demanda atual crescente. “A avaliação psicológica de crianças e adolescentes em situação de risco é um dos principais e mais difíceis desafios que o psicólogo que trabalha com essa população enfrenta” (HUTZ; SILVA, 2002, p. 73).

A prática da avaliação, no que tange aos maus-tratos, se encaixa, principalmente, nos âmbitos clínico e forense em que a psicologia está inserida. No contexto clínico, a avaliação se dará através dos atendimentos psicológicos com esta criança ou adolescente, por meio do processo de psicodiagnóstico, que “com todas as suas técnicas, mostra-se essencial e desempenha um papel fundamental para a compreensão e entendimento da vitimização infantil” (TARDIVO; PINTO JUNIOR; DOS SANTOS, 2005, p. 61).

No contexto forense, a avaliação psicológica caracteriza-se por ser uma perícia forense, que “ultrapassa a simples descrição do estado mental da criança, para discutir se essas condições emocionais apresentadas podem justificar ou não a ocorrência de um fato na vida real” (ROVINSKI; PELISOLI, 2019, p. 138). Deste modo, a perícia psicológica forense vem mais no sentido de impelir um resultado, da ocorrência ou não do ato violento, uma vez que se destina a responder a um órgão jurídico, ainda que nem sempre se possa aferir.

Dentre as técnicas e instrumentos de avaliação psicológica, em ambos os contextos, “a entrevista é o principal meio para se chegar ao conhecimento do outro” (ROVINSKI; PELISOLI, 2019, p. 171), podendo ser estruturada ou semiestruturada, bem como aplicada a crianças e adolescentes e/ou aos adultos responsáveis. A entrevista psicológica tem por finalidade servir de “instrumento para descobrir algo sobre o indivíduo, em função de alguma necessidade ou objetivo que se pretende atingir” (SANTOS, 2014, p. 4).

Além dela, o psicólogo também dispõe de uma série de testes e instrumentos validados para uso, que se encontram listados no Serviço de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) e podem ser utilizados no contexto da avaliação psicológica.

No que diz respeito a instrumentos utilizados para a obtenção de dados sobre a criança, e que estão disponíveis para auxiliar o psicólogo forense na identificação de um funcionamento relacionado à experiência de um evento negativo de vida, estão disponíveis, dentre outros, de acordo com Rovinski e Pelisoli (2019), o *Child Behavior Checklist* (CBCL), o *Child Sexual Behavior Inventory* (CSBI), a *Escala de Estresse para Adolescentes* (ESA) e o *Inventário de Estilos Parentais* (IEP).

Por sua vez, “o uso dos testes projetivos pode ser um procedimento viável para a revelação abusiva quando essas crianças não possuem a linguagem e/ou a maneira mais adequada para contar o que não pode ou tem medo de contar” (TARDIVO; PINTO JUNIOR; DOS SANTOS, 2005, p. 61). Entre os métodos projetivos disponíveis para aplicação com crianças e/ou adolescentes no Brasil estão, por exemplo, o H-T-P – *Técnica projetiva do desenho* (Casa, Árvore, Pessoa), o CAT – *Teste de Apercepção Infantil* ou TAT – *Teste de Apercepção Temática*, e o Método de *Rorschach*. Estes testes, ou a variação de alguns deles, também podem ser usados em adultos, a fim de verificar alguma psicopatologia.

Neste sentido, outro aspecto importante neste trabalho se refere à avaliação da Psicopatia, ou, pode-se detalhar, da investigação da presença de traços antissociais, de frieza emocional e Psicopatia em adultos. No que tange à avaliação e identificação da Psicopatia, Robert Hare utilizou-se da descrição original do conceito de Psicopatia referido por Harvey Cleckley para criar e aprimorar um instrumento que detecta e mede este construto, sendo considerado até hoje um instrumento referência, que possui adaptação e validação para uso em diversos países. Este instrumento é o *Hare Psychopathy Checklist - Revised* (PCL-R), que mensura a Psicopatia ao avaliar os aspectos afetivos, interpessoais, antissociais e comportamentais que ele creditava aos Psicopatas:

O aspecto interpessoal envolve superficialidade e manipulação das relações, autoestima grandiosa e mentira patológica. A dimensão afetiva indica falta de remorso, afeto superficial, falta de empatia e não aceitação de responsabilidade pelos próprios atos. O estilo de vida está relacionado à busca de sensação, impulsividade, irresponsabilidade, parasitismo em relação aos outros e falta de objetivos realistas. Por fim, a dimensão antissocial refere-se ao pouco controle do comportamento, problemas de comportamento precoces, delinquência na juventude, versatilidade criminosa e revogação de liberdade condicional (HARE; NEUMANN, 2008, p. 219).

O PCL-R é composto por uma entrevista semiestruturada, com 20 itens que investigam todos os aspectos da Psicopatia citados por HARE, e que podem ser

pontuados numa escala de 0 a 3. A pontuação total do PCL-R pode variar de 0 a 40 pontos, e refletem o grau em que o indivíduo corresponde ao constructo da Psicopatia, tendo uma pontuação de corte 30 para a detecção da Psicopatia (HARE; NEUMANN, 2008). A partir deste, Hare também criou o *Hare Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL-IY)*, que tem por objetivo investigar e detectar traços psicopáticos em adolescentes entre 12 e 18 anos.

Outros instrumentos foram sendo desenvolvidos ao longo dos anos com o intuito de avaliar o transtorno de forma confiável, como o *Interpersonal Measure of Psychopathy (IM-P)*, que se configura como um instrumento psicométrico. A escala tem como objetivo identificar “os comportamentos interpessoais que vão além das verbalizações do participante e avalia os comportamentos interpessoais do indivíduo manifestados na interação com o entrevistador, durante o momento da entrevista” (SILVA-SALVADOR et al., 2012, p. 241). O *Self-report Psychopathy Scale (SRPS)*, por sua vez, compreende uma medida de autorrelato, baseada nos critérios da PCL-R, e composta por 26 itens divididos em dois fatores Psicopatia: primária e secundária (ESTEVES et al., 2018).

Mesmo com a disponibilidade de instrumentos, a avaliação do sujeito psicopata ainda é algo complexo a ser feito. Neste sentido, esta pesquisa teve por objetivo realizar uma revisão sistemática de pesquisas empíricas internacionais que avaliaram os maus-tratos na infância, a Psicopatia na vida adulta e a correlação de ambos. Sendo assim, buscou-se conhecer os instrumentos usados nessas avaliações, bem como as correlações identificadas nessas pesquisas. A metodologia deste trabalho vem a contribuir com os demais estudos já existentes a respeito do tema e na busca em compreender acerca desta relação, bem como indicar possíveis caminhos para novos estudos.

3 MÉTODO

Foi realizada uma busca na base de dados internacional *PubMed*, de artigos publicados no período de janeiro de 1975 a março de 2019, utilizando os seguintes descritores: “*childhood trauma*” OR “*child maltreatment*” OR “*child abuse*” OR “*early life stress*” OR “*childhood victimization*” OR “*childhood maltreatment*” OR “*childhood neglect*” OR “*childhood abuse*” AND “*callous-unemotional*” OR “*psychopathy*”. Os critérios de inclusão consistiram em: a) possuir avaliação de maus-tratos/violência na

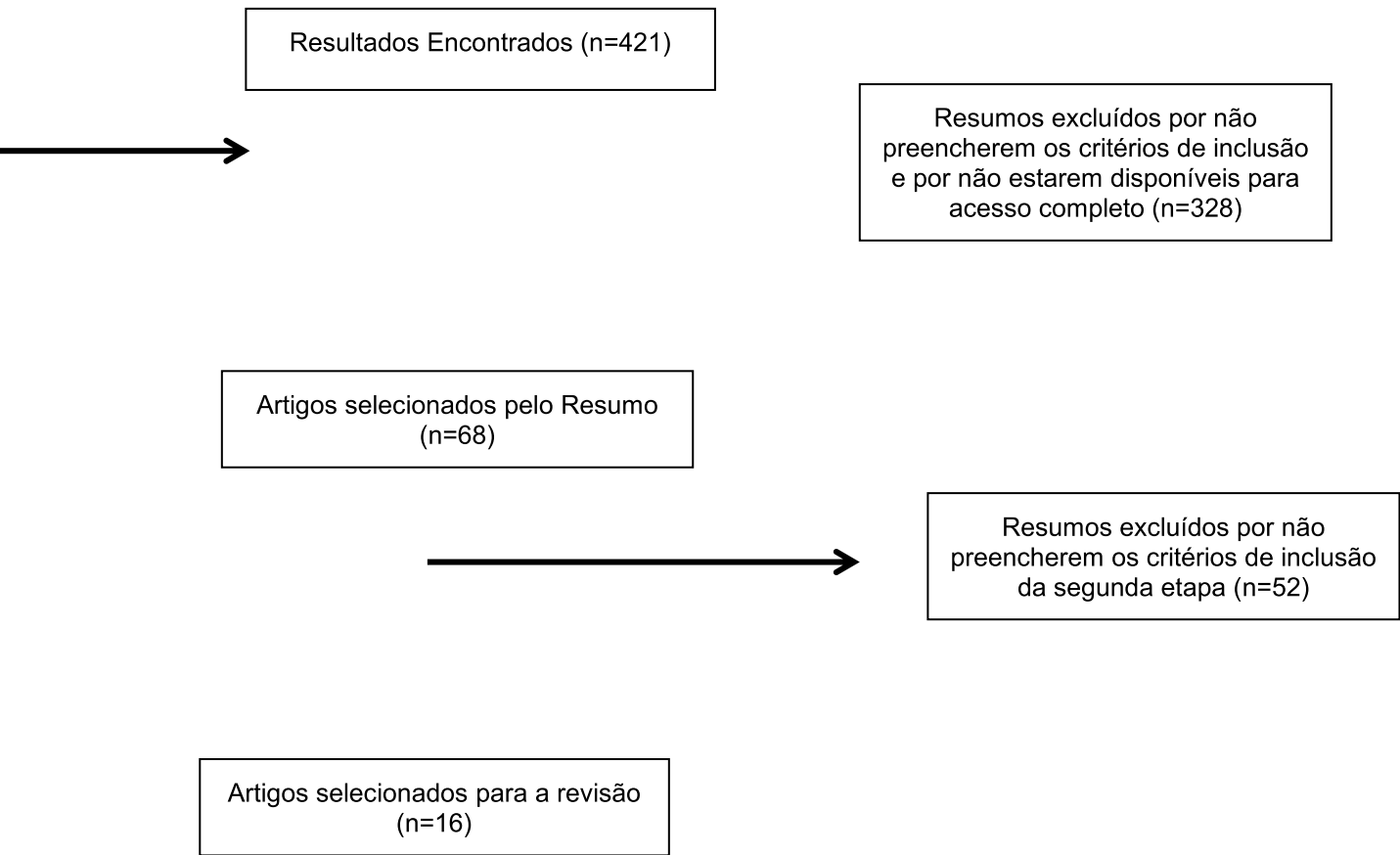
infância ou adolescência, b) possuir avaliação de traços de Psicopatia e/ou Antissocial e/ou Frieza Emocional e c) ser artigo empírico. Os critérios de exclusão foram: a) o artigo ser uma revisão de literatura, b) avaliar outras comorbidades psíquicas e c) não discutir ou avaliar maus-tratos e violência na infância e adolescência. A partir da busca na base de dados, com os descritores mencionados, foram encontrados 421 artigos. Nesta primeira etapa da revisão sistemática a análise dos resumos foi realizada de forma independente por um avaliador que deu seu parecer sobre a inclusão e exclusão dos artigos, resultando em 93 resumos. Destes 93 inclusos, 25 foram excluídos por não estarem liberados para acesso on-line integral do artigo, permanecendo então 68 artigos selecionados.

A segunda etapa consistiu na leitura dos artigos que foram selecionados com base nos seguintes critérios de inclusão: a) ser artigo empírico, b) avaliar Psicopatia, Transtorno Antissocial ou Frieza Emocional, c) a amostra ser com pessoas maiores de 18 anos, d) a amostra poderia ser de indivíduos institucionalizados ou não-institucionalizados, e) artigos que possuíam avaliações correlacionadas de genes, hormônios ou análise cerebral e f) avaliação de maus-tratos e Psicopatia com testes e questionários.

Os critérios de exclusão usados nesta fase foram: a) artigos em revisão de literatura, b) avaliação de Transtorno de Conduta, c) artigos com análises associadas de ansiedade, depressão, uso de álcool e drogas e TEPT, d) amostra com indivíduos menores de 18 anos e e) avaliação dos maus-tratos e Psicopatia em base de dados. Os critérios de exclusão c e d foram adotados por conta da maior inclinação da análise dos artigos para tais características, não constituindo de forma direta o foco principal desta pesquisa, podendo vir a confundir os resultados, e devido ao fato de o diagnóstico de Psicopatia só ser avaliado após a maioridade.

Assim, permaneceram 16 artigos selecionados para essa revisão. O diagrama de sistematização da revisão é apresentado a seguir, na Figura 1.

Figura 1 - Diagrama da Sistematização da Revisão



Fonte: Elaborado pela autora

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nos artigos selecionados, foram analisados e comparados os seguintes componentes: procedimentos e instrumentos usados para avaliar Psicopatia e maus-tratos; as análises correlacionadas presentes nos artigos; os resultados quanto à existência ou não da relação entre maus-tratos na infância e Psicopatia; e se na existência dessa relação há algum tipo de violência mais fortemente relacionada. Estas análises estão apresentadas de forma sintética na Tabela 1.

Tabela 1. Descrição dos componentes e resultados dos artigos revisados

(Continua)				
Autor (ano)	Instrumentos de avaliação de maus-tratos	Instrumentos de avaliação de Psicopatia	Resultados da relação	Maus-tratos mais relacionados
Afifi et al. (2019)	CTS e CTQ	Alcohol Use Disorder e Associated Disabilities Interview Schedule-5	Todos os tipos de maus-tratos investigados apresentam associação a comportamentos antissociais em mulheres e homens	Apontam que crianças que sofreram maus-tratos e castigo físico severo tendem mais a apresentar comportamentos antissociais
Durand e Velozo (2018)	CTQ-SF	TRIPM	Traços psicopáticos foram associados a maus-tratos e comportamentos parentais	Relação mais possível com abuso físico e emocional, e negligência (todos juntos)
Fragkaki et al. (2019)	CTQ-SF	ICU-IY	Encontrado na negligência emocional. Nas demais violências não encontraram relação significativa	Maior relação foi encontrada com negligência emocional X frieza emocional
Hollerbach et al. (2018)	CTQ-SF	SRP-III	O trauma infantil foi associado à Psicopatia, principalmente em relação ao estilo de vida	Não menciona
Dargis e Koenigs (2018)	CTQ	PCL-R	O subgrupo de Psicopatas com alto afeto negativo reportou mais histórico de maus-tratos, do que os demais subgrupos e o grupo de Psicopatas	Este subgrupo apresentou maior relação com abuso físico e emocional, e negligência emocional

Tabela 1. Descrição dos componentes e resultados dos artigos revisados

(Continuação)				
Autor (ano)	Instrumentos de avaliação de maus-tratos	Instrumentos de avaliação de Psicopatia	Resultados da relação	Maus-tratos mais relacionados
Waller et al. (2018)	CTQ	SRP-SF-IV	A experiência de maus-tratos na infância foi relacionada a maiores escores de Psicopatia. O reconhecimento insuficiente de emoções negativas estava relacionado a pontuações antissociais	Não menciona
Dargis, Newman e Koenigs (2016)	CTQ	PCL-R	Indivíduos com alta pontuação em Psicopatia reportaram experiências abundantes de maus-tratos	A relação de maus-tratos x Psicopatia é mais forte entre abuso físico e as facetas antissociais da Psicopatia
Carlson, Oshri e Kwon (2015)	CATS	SRP-III	Traços de frieza emocional foram correlacionados positivamente com os tipos de maus-tratos e comportamentos desviantes	Não menciona
Schimmenti et al. (2015)	TEC	PCL-R	Análises correlacionadas mostram que o abuso físico infantil estava associado aos escores total, fator e faceta do PCL-R	Todas as facetas do PCL-R relacionaram com abuso emocional

Tabela 1. Descrição dos componentes e resultados dos artigos revisados

(Continuação)				
Autor (ano)	Instrumentos de avaliação de maus-tratos	Instrumentos de avaliação de Psicopatia	Resultados da relação	Maus-tratos mais relacionados
Craparo, Schimmenti e Caretti (2013)	TEC	PCL-R	Embora os achados confirmem uma relação causa-efeito direta, os achados sugerem uma relação entre trauma relacional e o desenvolvimento de traços psicopáticos	Não menciona
Kolla et al. (2014)	ETI	PCL-R	TA+P reportaram mais eventos traumáticos do que o grupo controle, mas não mais que TA-P O abuso físico está	TA+P apresentaram mais abuso físico do que TA-P e não ofensores
Klika, Herrenkohl e Lee (2013)	Questionário	CBC	significativamente correlacionado ao comportamento antissocial na infância, adolescência e vida adulta	Não mensurável
Gao et al. (2010)	CTS	SRP-II	O abuso físico na infância foi associado à Psicopatia, mas evidências sugerem que o vínculo é mais precedente que o abuso	Baixo cuidado materno foi o aspecto mais fortemente associado aos traços de Psicopatia em adultos. Não menciona maus-tratos
Cima, Smeets e Jelicic (2008)	CTQ	PPI	Em relação a experiências traumáticas na infância, a correlação com Psicopatia não foi significativa. Com os não Psicopatas as experiências traumáticas se relacionaram ao fator 2 do PPI	Não menciona

Tabela 1. Descrição dos componentes e resultados dos artigos revisados

Autor (ano)	Instrumentos de avaliação de maus-tratos	Instrumentos de avaliação de Psicopatia	Resultados da relação	(Conclusão)
				Maus-tratos mais relacionados
Semiz et al. (2007)	STI	Structure Clinical Interview for DSM-III-R	Os resultados indicam que o abuso físico, sexual, a negligência e a separação precoce na infância foram preditores significativos de TA.	Maior relação com abuso físico
Huizinga et al. (2006)	Autorrelato	DSM-IV	Comparado aos que não sofreram abuso, os que sofreram reportaram mais traços de comportamentos antissociais	Não mensurável

Nota. CTQ-SF= Childhood Trauma Questionnaire-Short Form; PCL-R= Psychopathy Checklist – Review; CTS= Conflict Tactics Scale; ICU-YV= Inventory of Callous-Unemotional Traits – Youth version; TRIPM= Triarchic Psychopathy Measure; SRP-SF = Self-Report of Psychopathy-Short Form; CATS= Child Abuse and Trauma Scale; TEC= Traumatic Experiences Checklist; ETI= Early Trauma Inventory; CBC= Child Behavior Checklist; PPI= Psychopathic Personality Inventory; STI= Structured Trauma Interview; DSM= Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.

Fonte: Elaborado pela autora

INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA AVALIAÇÃO DE MAUS-TRATOS

Quanto aos instrumentos utilizados para investigar histórico de maus-tratos na infância, o mais usado (AFIFI et al., 2019; DARGIS; KOENIGS., 2018; WALLER et al., 2018; DARGIS; NEWMAN; KOENIGS, 2016; CIMA, SMEETS; JELICIC, 2008) foi o *Childhood Trauma Questionnaire* (n=5) e a sua variação em menor escala (DURAND; VELOZO, 2018; FRAGKAKI et al., 2019; HOLLERBACH et al., 2018), o *Childhood Trauma Questionnaire-Short Form* (n=3), o qual consiste em um questionário autoaplicável de 70 itens e investiga cinco componentes traumáticos: abuso físico, abuso emocional, abuso sexual, negligência física e negligência emocional (GRASSI-OLIVEIRA; STEIN; PEZZI, 2006, pg. 250). Foi traduzido, adaptado e validado para a população brasileira, sendo denominado *Questionário sobre Traumas na Infância*. “O

CTQ é um instrumento para adolescentes (a partir de 12 anos) e adultos onde o respondedor gradua a frequência de 28 assertivas relacionadas com situações ocorridas na infância em uma escala Likert de cinco pontos” (GRASSI-OLIVEIRA; STEIN; PEZZI, 2016, p. 250).

A versão reduzida (CTQ-SF) é também um questionário autoaplicável que avalia experiências traumáticas durante o crescimento, mas composto de 28 itens. “Três desses itens compõem a escala de negação, projetada para detectar o estilo de resposta socialmente desejável” (KONGERSLEV et al., 2019, p. 3), e os demais itens avaliam os cinco componentes traumáticos do instrumento completo.

Schimmenti et al. (2015) e Craparo, Schimmenti e Caretti (2013) utilizaram em suas pesquisas o *Traumatic Experiences Checklist - TEC* (n=2), sendo também um questionário autoaplicável, que abrange cerca de 29 tipos de potencial trauma, incluindo critérios de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, bem como de outros potencialmente traumáticos, “como perda de alguma pessoa, ameaças de vida ou morte, experiência de guerra, negligência emocional, abuso emocional, abuso físico, assédio sexual e abuso sexual” (NIJENHUIS; HART; KRUGER, 2002, p. 203). Além disso, é adicionado o valor de um “à pontuação da ocorrência para cada um dos seguintes aspectos: presença de experiência traumática, relação da pessoa com o agressor, intensidade da experiência e duração da experiência traumática” (SADEGHI et al., 2017, p. 213).

Outros estudos também utilizaram de questionários e escalas prontas e validadas para a avaliação, como o *Child Abuse and Trauma Scale* (CARLSON; OSHRI; KWON, 2015), que foi criada para ser uma medida de pesquisa usada no teste dos resultados dos maus-tratos na infância, sendo apresentado ao participante como um questionário, contendo 38 itens, com questões relacionadas a “experiências individuais na infância e adolescência de maus-tratos sexuais, físicos, psicológicos, negligencia emocional ou física e ambiente familiar negativo” (SANDERS; BECKER-LAUSEN, 1995, p. 317).

Kolla et al. (2014) utilizaram o instrumento *Early Trauma Inventory*, designado como “uma avaliação clínica de 56 itens que abrange os aspectos do abuso físico, emocional e sexual, além de trauma antes e depois dos 18 anos, incluindo a idade da ocorrência, a frequência, a identidade dos autores e o impacto do evento” (RUBY et al., 2017, p. 323), tendo sido aplicado a uma amostra de adultos com o intuito de acessar informações de maus-tratos antes dos 18 anos. Este instrumento possui

adaptação e validação brasileira, estando disponível no formato de entrevista semiestruturada. O *Conflict Tactics Scale* (AFIFI et al.; 2019; GAO et al., 2010), por sua vez, é uma medida de autorrelato usada em adultos que podem ter sofrido abuso físico antes dos 20 anos. “Os participantes responderam a uma escala Likert de seis pontos sobre o comportamento dos pais quando desacordos aconteciam entre eles” (GAO et al., 2010, p. 4).

Semiz et al. (2007) fizeram uso do *Structured Clinical Interview for DSM-III*, que segue o roteiro de uma entrevista clínica baseada nos critérios diagnósticos propostos pelo DSM, que estão presentes no instrumento. Uma característica essencial da SCID é que, “embora as perguntas sejam estruturadas, a pontuação se refere ao julgamento clínico do entrevistador, com relação à presença ou não de determinado critério, e não à resposta dada pelo paciente” (DEL-BEN et al., 2001, p. 157), e por isso a experiência do entrevistador é de extrema importância, para que não gerem erros na confiabilidade dos resultados.

Por fim, dois dos artigos selecionados utilizaram-se de relatos de entrevista anuais dos adolescentes, dos 11 aos 17 anos (HUIZINGA et al., 2006) e questionário respondido pelos pais (KLIKA, HERRENKOHL; LEE, 2013), a fim de avaliar e compreender a vivência dos maus-tratos. “A entrevista com pelo menos um adulto responsável pela criança é uma prática fundamental nessas avaliações” (ROVINSKI; PELISOLI, 2019, p. 184), mas não abarca por si só, de forma completa, todas as informações que poderiam ser acessadas para esse tipo de avaliação, podendo deixar aberta uma lacuna.

Assim, percebeu-se uma prevalência no uso de instrumentos para o acesso dos maus-tratos e suas especificações. Quanto ao uso destes instrumentos, não houve uma padronização, mas sim uma variedade significativa dos mesmos, apesar de estes demonstrarem semelhanças quanto ao seu formato e método de investigação de informações. Outros estudos utilizaram-se de métodos diferentes de investigação, como questionários longitudinais e entrevistas baseadas no DSM, que possibilitaram obter informações sobre os maus-tratos de forma um pouco diferente dos instrumentos.

INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA AVALIAR A PSICOPATIA

A Psicopatia é um constructo complexo de se investigar, que requer cuidado para que não seja confundido com outros transtornos, principalmente o Transtorno de Personalidade Antissocial, ou interpretado equivocadamente. Nesta revisão, optou-se por não restringir os estudos somente à Psicopatia, permitindo que fossem usados também avaliações do Transtorno de Personalidade Antissocial e da Frieza Emocional (Callous-Unemotional), devido ao fato de que essas duas facetas fazem parte do constructo da Psicopatia de forma bastante significativa, bem como podem estar evidentes mais facilmente.

Ainda assim, a maioria dos estudos selecionados (DARGIS; KOENIGS, 2018; DARGIS; NEWMAN; KOENIGS, 2016; SCHIMMETI et al., 2015; CRAPARO; SCHIMMENTI; CARETTI, 2013; KOLLA et al., 2014) utilizaram para a avaliação o *Psychopathy Checklist-Review* (n=5) de Robert Hare, que é capaz de mensurar a Psicopatia ao avaliar os aspectos afetivos, interpessoais e comportamentais. Essas características são divididas em dois fatores referente ao constructo: o fator 1 diz respeito a questões afetivas e interpessoais como manipulação e ausência de empatia; e o fator 2 abrange características predominantemente comportamentais, como as condutas antissociais e impulsivas (SILVA-SALVADOR et al., 2012), sendo um instrumento confiável, com adaptação e validação em diversos países, inclusive no Brasil.

Outros dois estudos (HOLLERBACH et al., 2018; CARLSON; OSHRI; KWON, 2015) utilizaram o *Self-Report Psychopathy Scale - SRP III* (n=2), tendo o segundo utilizado somente a subescala de frieza emocional. Waller et al. (2018), por sua vez, optaram por utilizar o *Self-Report Psychopathy Scale-Short Form-IV* (n=1) na íntegra para seu estudo, e Gao et al. (2010) pelo *Self-Report Psychopathy Scale II* (n=1). Todos são variações e atualizações da mesma escala, que foram construídas com base no instrumento de Hare, “desenvolvidas para acessar as quatro facetas da Psicopatia, associadas a manipulação interpessoal, frieza emocional, estilo de vida irregular e aspectos antissociais” (NEUMANN; PARDINI, 2014, p. 423).

O segundo procedimento mais usado (n=3) foram as investigações baseadas nos critérios do *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders* (DSM) para o Transtorno Antissocial (AFIFI et al., 2019; SEMIZ et al., 2007; HUIZINGA et al., 2006). Foram usados os DSM III, IV e V. O DSM é um manual que apresenta critérios para

compreensão e fechamento de diagnósticos, mas que não oferece formas de avaliação desse transtorno e de nenhum outro.

Os demais estudos utilizaram outros instrumentos diferentes para esta avaliação: Fragkaki et al. (2019) utilizaram do *Inventory of Callous-Unemotional Traits – Youth Version* para avaliar somente o fator da frieza emocional, apoiado no modelo de três fatores, sugerindo que a medida compreende três subescalas – indiferença, falta de emoção e insensibilidade –, todas relacionadas a um fator geral comum de características de frieza emocional que são interligadas. “Essa versão para jovens possui uma pontuação de quatro pontos numa escala de 0 a 3, com pontuação mais alta indicando maiores características de frieza emocional” (KIMONIS et al., 2013, p. 168).

O estudo do Durand e Velozo (2018) usou o *Triarchic Psychopathy Measure – TRIPM*, sendo um questionário autoaplicável, com os itens classificados numa escala de quatro pontos. “Esse instrumento foi projetado para avaliar características usando o modelo triarquico de Psicopatia e fornece uma pontuação total ao lado de três pontuações na subescala: Desinibição, maldade e ousadia” (DURAND; VELOZO, 2018, p. 122). “Os itens dessa escala refletem tendências a destemor em três domínios distintos: eficácia social, estabilidade emocional e situações de risco” (DRISLANE; PATRICK; ARSAL, 2014, p. 354).

Já Cima, Smeets e Jelcic (2008) aplicaram o *Psychopathic Personality Inventory*, que da mesma forma é um questionário autoaplicável que avalia os quatro aspectos principais da Psicopatia, contendo 187 questões desenvolvidas usando uma abordagem exploratória para a construção do transtorno. Os itens são respondidos usando uma escala de quatro pontos. “O inventário produz uma pontuação total, interpretável como um índice global de Psicopatia, bem como pontuações em oito subescalas, refletindo características constituintes específicas” (BENNING et al., 2003, p. 343).

O *Child Behavior Checklist* foi utilizado por Klika, Herrenkohl e Lee (2013) e foi aplicado de forma longitudinal na amostra infantil, adolescente e adulta, a fim de investigar comportamentos antissociais. “O instrumento destina-se à obtenção de taxas padronizadas de problemas comportamentais de crianças e adolescentes a partir do relato dos pais” (MOURA et al., 2008, p. 4). No estudo citado, foi aplicado aos pais somente na idade infantil da criança, e na fase adolescente e adulta fora

aplicado ao próprio participante, que respondia se estava de acordo com as respostas prévias ou não.

Nota-se que quanto aos instrumentos utilizados pelos estudos selecionados para a avaliação da Psicopatia, personalidade antissocial e frieza emocional, não houve uma padronização dos mesmos. Apesar de uma gama de estudos terem aplicado instrumentos que investigam o constructo por completo, os demais, por enfocarem em somente uma característica específica, mesmo que significativa, podem vir a segmentar os resultados.

A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE OS MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA E A PSICOPATIA NA VIDA ADULTA

Referente aos resultados quanto à relação entre maus-tratos na infância e o construto de Psicopatia na vida adulta, quase todos os estudos (n=15), com exceção de um (CIMA; SMEETS; JELICIC, 2008), encontraram algum tipo de relação entre esses dois fatores em suas avaliações. Uma vez confirmada a maior predominância da relação, através desta revisão, similarmente buscou-se explorar mais esse aspecto a fim de compreender se há algum tipo de violência mais fortemente preditora de trações psicopáticos.

Quanto a esta especificidade, na maioria dos estudos (n=3) não foi possível mensurar este aspecto, já que avaliaram apenas um tipo de violência, o abuso físico, (KLIKA; HERRENKOHL; LEE, 2013; GAO et al., 2010; HUIZINGA et al., 2006) enquanto que outros estudos desta revisão (n=5), não encontraram resultados acerca desta prevalência (HOOLERBACH et al., 2018; WALLER et al., 2018; CARLSON; OSHRI; KWON, 2015; CRAPARO; SCHIMMENTI; CARETTI, 2013; CIMA; SMEETS; JELICIC, 2008). Já nos estudos em que foi possível analisar esta questão, o maltrato do tipo físico (n=3) ficou evidenciado como violência mais recorrente em relação a traços antissociais (SEMIZ et al., 2007; DARGIS; NEWMAN; KOENIGS, 2016) e em indivíduos com traços de Psicopatia (KOLLA et al., 2014).

As pesquisas de Kolla et al. (2014), Klika, Herrenkohl e Lee (2013) e Huizinga et al. (2006), portanto, investigaram somente o abuso físico na infância (n=3), tendo os dois últimos encontrado relação desta violência com traços antissociais em suas amostras, enquanto que no trabalho de Kolla et al. (2014) o grupo de Psicopatas apresentou mais indícios de abuso físico do que o grupo de antissociais e não

ofensores. Estes estudos limitaram, de certa forma, sua análise de relação, uma vez que se dispuseram a analisar um só tipo de violência. No entanto, ao avaliar essa violência os pesquisadores foram capazes de se certificar que ela, em algum nível, se associa aos traços antissociais e psicopáticos de adultos, corroborando o estudo de Graham et al. (2012, p. 72), que ao avaliar a relação de maus-tratos e Psicopatia em adultos infratores pôde observar também que a amostra com histórico de abuso físico e negligência obtiveram pontuação alta no PCL-R, e que “este vínculo parecia ser impulsionado pela faceta antissocial e de comportamentos externalizantes, mais do que aspectos gerais da Psicopatia”.

Outros estudos também encontraram associação entre abuso físico e emocional e os traços de Psicopatia em jovens delinquentes, demonstradas nas variáveis do PCL-R total, na faceta antissocial e na faceta afetiva, e que os jovens com histórico de maus-tratos físicos tendem a apresentar mais comportamento violento do que aqueles que não sofreram violência (KRISCHER; SEVECKE, 2008), assim como “os maus-tratos físicos ocorridos nos primeiros anos de vida estão associados ao desenvolvimento de problemas psicológicos e comportamentais” (LANDSFOR et al, 2002, p. 828). Os abusos físicos estão mais fortemente ligados a consequências comportamentais e antissociais, possivelmente por uma questão em discussão, que é a repetição da violência. Segundo Bérghamo e Bazon (2011, p. 711):

Em suma, de acordo com a literatura, a exposição a maus-tratos na infância pode produzir efeitos negativos por meio de diferentes mecanismos, sendo que todos poderiam tornar o adulto mais vulnerável a estressores diversos [...] e funcionariam como riscos proximais para a repetição da violência.

Apesar de quase a totalidade de estudos terem encontrado relação, foram demonstradas algumas condições diferentes. Schimmenti et al. (2015), Craparo, Schimmenti e Caretti (2013) e Dargis, Newman e Koenigs (2016) mostram que todos os maus-tratos investigados tiveram algum nível de relação com traços de Psicopatia (n=3), e Semiz et al. (2007) e Afifi et al. (2019) somente em relação ao Transtorno de Personalidade Antissocial, visto que avaliaram somente este transtorno (n=2). Uma pesquisa realizada por Infrasca (1998 apud SÁ, 2014), com internos de uma unidade de assistência psiquiátrica, verificou que indivíduos que tiveram pontuação mais alta em “desvio psicopático” tiveram pais e mães egocêntricos, que estavam centrados em seus próprios problemas, preocupações e interesses e pouco sintonizados afetiva e objetivamente com os problemas e necessidades de seus filhos, rejeitando-os e não

aceitando sua maneira de ser, foram pais autoritários e castigavam os filhos frequentemente (SÁ, 2014). Estes aspectos demonstram que a soma de várias formas de violência e/ou negligências conseguem estar relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais e/ou de traços psicopáticos presentes em todas as esferas do constructo.

Seguindo esta linha, alguns estudos selecionados para esta revisão (n=2), da mesma forma, constataram que a ocorrência simultânea de abuso físico, emocional e negligências gerais é prevalente quanto ao desenvolvimento de traços psicopáticos (DURAND; VELOZO, 2018; DARGIS; KOENIGS, 2018). Esse dado também ficou explícito nos estudos de Craparo, Schimmenti e Caretti (2013), no qual o abuso e a negligência se mostram associados à presença de evento traumático em crianças mais novas; e de Dargis, Newman e Koenigs (2016) acerca da vivência de abusos emocionais e físicos, bem com negligência emocional em indivíduos com pontuação alta em Psicopatia.

Maus-tratos gerais associados a castigo físico severo igualmente seriam os fatores mais presentes em indivíduos com comportamentos antissociais (AFIFI et al., 2019), ou seja, quanto mais maus-tratos infringidos, maior a possibilidade de a criança desenvolver traços de Psicopatia e comportamentos antissociais. Afifi et al. (2019) ainda salientaram que essa relação se fez presente em homens e mulheres antissociais.

A grande maioria das pesquisas deste âmbito utiliza de amostra pessoas do sexo masculino, sendo justificado “por haver uma prevalência maior de homens com o transtorno, o que facilita o acesso para pesquisas” (VASCONCELLOS et al., 2014, p. 130). Mas isso não exclui o fato de que mulheres também podem se apresentar como Antissociais e Psicopatas. “Fatores como diferenças biológicas básicas entre os sexos e estereótipos de papéis de gênero podem contribuir para uma frequência mais elevada de Psicopatia em homens” (VASCONCELLOS; LAGO, 2016, p. 190), e, do mesmo modo, a manifestação da Psicopatia em homens e mulheres acontece de formas diferentes.

“As diferenças encontradas em relação ao gênero aparecem nas formas e na severidade da violência cometida por homens e mulheres, sendo que elas apresentam menores índices de crimes violentos” (FRITZEN; SEHNEM, 2018, p. 159). Por outro lado, os maus-tratos sofridos por homens e mulheres antissociais se mostraram bastantes similares no estudo de Afifi et al. (2019), bem como no de Hollerbach et al.

(2018), que encontrou uma especificidade na relação, sendo o trauma associado a indivíduos com Psicopatia, porém, mais especificamente referente ao aspecto do estilo de vida irresponsável, autocontrole fraco e desrespeito às normas sociais, que apareceram da mesma forma em homens e mulheres. Este é um ponto a se discutir e abranger nas demais pesquisas, visto que os maus-tratos na infância ocorrem com crianças de ambos os gêneros, mas nesse segmento as pesquisas estão muito mais inclinadas a uma amostra masculina, mostrando-se deficitários os estudos no que tange à população feminina.

Outros estudos encontraram a associação dos maus-tratos sofridos com um subgrupo de Psicopatas que tem uma característica específica, o alto afeto negativo (DARGIS; KOENIG, 2018) e o fator do insuficiente reconhecimento de emoções negativas como estando mais relacionados a traços antissociais (WALLER et al., 2018). Resultados relacionados à expressão e reconhecimento de sentimentos e emoções nestes transtornos são bastante significativos na atualidade, considerando a frequência cada vez maior de estudos analisando este quesito, a fim de compreender de que forma está estruturado e manifestado no transtorno o aspecto afetivo.

No estudo de Vasconcellos et al. (2014) os resultados sugeriram indícios de déficits mais amplos no processamento emocional de Psicopatas e indivíduos com traços de Psicopatia, podendo concluir que foi possível identificar fatores que podem estar relacionados à ausência de convergência quanto a emoções específicas que os Psicopatas teriam dificuldade de reconhecer. No mesmo sentido Marsh e Blair (2008, p. 459) analisaram 20 estudos sobre o tema e conseguiram constatar a “existência de déficits no reconhecimento de medo e tristeza em amostra antissocial, não encontrando défices consistentes para o reconhecimento de outras expressões”.

Os aspectos do vínculo parental, como superproteção e cuidados gerais, apareceram em Gao et al. (2010) como sendo mais precedente ao desenvolvimento de traços psicopáticos do que o abuso físico, e os comportamentos parentais de rejeição, superproteção e calor emocional associados aos maus-tratos como aspectos significativos da relação em Durand e Velozo (2018). A teoria dos vínculos de John Bowlby “está baseada na qualidade das relações dos primeiros anos de vida da criança, as quais seriam determinantes no desenvolvimento cognitivo e emocional posterior” (TRINDADE et al. 2009, p. 69), ou seja, o tipo de vínculo que a família estabelece entre si influencia no desenvolvimento intelectual e emocional daquela

criança, e isso pode, por vezes, ficar mais fortemente registrado na estrutura psíquica do sujeito do que uma violência, ou mesmo ser “compreendido” como violência ou privação.

Hare (2013, p. 180), na obra “*Sem Consciência*”, expõe que:

Embora a Psicopatia não seja, primariamente, o resultado de uma criação problemática ou de experiências infantis adversas, esses fatores desempenham um papel importante na modelagem daquilo que a natureza forneceu. Os fatores e a criação afetam o modo como o transtorno evolui e o modo como se manifesta no comportamento.

Isso demonstra que a maneira como os pais se apresentam e interagem com seus filhos a fim de construir sua relação familiar demonstra importante influência sobre como a criança interpretará subjetivamente tais ações e compreenderá esta relação, que pode ser esculpida de aspectos negativos ou associada a algum maltrato, prejudicando a criança.

Já o estudo de Fragkaki et al. (2019), apesar de ter avaliado várias formas de maus-tratos, somente encontrou relação referente à negligência emocional x frieza emocional, ressaltado uma maior prevalência do tipo de abuso emocional e negligência, juntamente com Schimmenti et al. (2015), no que se refere às consequências psicopáticas desta relação.

O estudo que avaliou mais especificamente a frieza emocional também encontrou relação desta faceta com maus-tratos na infância e comportamentos desviantes na adolescência, demonstrado que essa associação também teria potencial para levar o sujeito a se envolver em comportamentos de risco, como brigas físicas, uso de substâncias e comportamentos sexuais de risco, características essas também associadas à Psicopatia (CARLSON; OSHRI; KWON, 2015). A frieza emocional é uma das principais características da Psicopatia, pois é ela quem difere principalmente o Psicopata do Antissocial, e neste sentido cabe questionar o que aconteceu com uma pessoa que não foi capaz de desenvolver afeto. É possível que ela não tenha se quer recebido afeto durante sua vida e, portanto, não o conhece.

Negligência emocional é distinta de abuso emocional. O abuso emocional envolve ações abusivas, isto é, fazer coisas para o outro que podem ser emocionalmente dolorosas ou traumatizantes; enquanto a negligência emocional envolve omissões negligentes (SILVA, 2019), ou seja, priva-se de realizar tarefas que promovem o bem-estar emocional da criança, como dar carinho e atenção. Alvino de

Sá (2014), quando discorre sobre a privação emocional e delinquência, cita que a saúde mental do indivíduo, sua adaptação social, sua capacidade de sincronizar seus desejos com os desejos dos outros, estão diretamente ligados à ausência ou presença de privações emocionais, de sua natureza e intensidade, caracterizando a negligência emocional como um fator significativo no desenvolvimento dos traços disruptivos de personalidade, no que tange ao aspecto social e afetivo, que ficam do mesmo modo evidentes no psicopata.

No estudo de Garbin et al. (2018, p. 115), por exemplo, a violência emocional prevaleceu na sua amostra adolescente, mas também mostrou que a violência física esteve “significativamente associada à emocional, à sexual e à negligência emocional. Os casos de abuso sexual relacionaram-se também à violência emocional. Da mesma forma, violência e negligência emocionais” estão fortemente associadas às demais violências, como visto anteriormente nos demais estudos desta revisão (DURAND; VELOZO, 2018; DARGIS; KOENIGS, 2018; CRAPARO; SCHIMMENTI; CARETTI, 2013; DARGIS; NEWMAN; KOENIGS, 2016; AFIFI et al., 2019). Também foram encontradas “relação de Psicopatia com abuso físico e emocional em meninas e meninos jovens infratores, com maior associação relacionada às meninas” (FARINA et al., 2018, p. 4371). É nítida a dificuldade em se identificar um abuso ou negligência emocional, visto que esta não apresenta marcas visíveis no corpo da criança. No entanto, alguns resultados demonstram a necessidade de um olhar atento para os reflexos dessa violência, que pode estar sendo efetuada de forma associativa às outras.

Traçando um mesmo caminho, Kimonis et al. (2013) realizou um estudo com 277 adolescentes infratores e a associação dos cuidados maternos afetivos com a apresentação de traços de Frieza Emocional (Callous-Unemotional) após a ocorrência de maus-tratos e observou que entre os vários tipos de maus-tratos examinados, a negligência emocional foi mais fortemente associada a características de CU, bem como que os jovens que apresentaram estes altos índices de CU e foram expostos a uma baixa assistência maternal, também apresentaram maior risco de agressividade do que aqueles que experimentaram mais cuidados maternos. Este estudo vem de encontro com as mesmas respostas obtidas por estudos incluídos nesta pesquisa (FRAGKAKI et al., 2019; DURAND; VELOZO, 2018; e GAO et al., 2010), deixando enfatizada a relevância do vínculo e do comportamento parental na estrutura de personalidade a posteriori desenvolvida nos filhos.

Os estudos desta revisão encontraram particularidades diversas acerca da relação entre os maus-tratos na infância e o desenvolvimento da Psicopatia ao longo da vida, mas a grande maioria conseguiu verificar dados que sugerem a proximidade entre esses dois fatores. Fica nítido nos dados que quanto mais violências e negligências a criança sofrer, mais predisposta ela fica a desenvolver traços Antissociais e de Psicopatia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os maus-tratos na infância são uma realidade para a qual não se deve fechar os olhos. Eles ocorrem prevalentemente nas formas física, psicológica, sexual e negligências, deixando registrados no corpo, no psiquismo e na vida das crianças maltratadas marcas e feridas profundas, podendo vir a transformar-se em traços negativos de personalidade e/ou psicopatologias, como a Psicopatia.

Esta, por sua vez, se constitui como um transtorno de personalidade com traços principais de frieza emocional, falta de empatia e comportamentos antissociais. A priori os estudiosos não possuem um consenso sobre qual a(s) etiologia(s) deste transtorno, no entanto, as relações iniciais e o ambiente de desenvolvimento físico e psíquico da criança geralmente são fatores presentes nas discussões acerca da causa da Psicopatia.

A relação dos maus-tratos sofridos na infância com a posterior incidência de Psicopatia na vida adulta foi o foco desta pesquisa, que teve por objetivo realizar uma revisão sistemática de estudos que buscaram analisar e compreender esta relação. Com base nos métodos e resultados dos estudos revisados, ficou demonstrado que há indícios de uma relação significativa entre os maus-tratos sofridos na infância com o conseqüente desenvolvimento de traços antissociais e psicopáticos na vida adulta.

Não foram encontrados nesta revisão dados sobre a prevalência de uma única forma de violência específica como maior preditora do transtorno ou de traços de Psicopatia. Por outro lado, os dados sugerem que quanto mais ocorrências de maus-tratos e de negligência associadas a criança sofre, maior a probabilidade de ela vir a desenvolver algum traço de Psicopatia ao longo da vida.

Pode-se referir como uma dificuldade das pesquisas sobre Psicopatia, o que se reflete também como limite do presente trabalho, a questão da amostra de sujeitos psicopatas e com traços de Psicopatia. Considerando ser um transtorno do qual a

avaliação e o diagnóstico são considerados difíceis e não realizados de forma frequente, a disponibilidade de indivíduos para pesquisa, bem como os entraves éticos dificultam o acesso e os estudos acerca deste constructo. Igualmente, o acesso a somente uma base de dados para pesquisa pode ter se mostrado um fator limitante, ainda que sendo uma base internacional, ocasionando por produzir uma revisão mais restrita.

Por fim, acredita-se que esta pesquisa tenha contribuído com bons e significativos resultados acerca da relação entre maus-tratos na infância e o desenvolvimento da Psicopatia, podendo servir de aporte para outras pesquisas. Nesse sentido, sugere-se a realização de estudos acerca desta relação e suas especificidades.

REFERÊNCIAS

AFIFI, Tracie O. et al. **Associations of Harsh Physical Punishment and Child Maltreatment in Childhood With Antisocial Behaviors in Adulthood**. JAMA Netw Open. 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARRIGO, A. Bruce; SHIPLEY, S. The Confusion over Psychopathy (I): Historical Considerations. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**. p .325-344. 2001.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (AMA). **Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais – 5ª ed. (DSM-5)**: Editora, Artmed; 2014.

BARBOSA SILVA, Ana Beatriz. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. 2. ed. São Paulo: Principium 2014.

BARBOSA, Patrícia Zulato; PEGORARO, Renata F.. Violência doméstica e psicologia hospitalar: possibilidades de atuação diante da mãe que agride. **Saude soc.**, São Paulo , v. 17, n. 3, p. 77-89, Sept. 2008. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Abr. 2020.

BENNING, D. Stephen et al. Factor Structure of the Psychopathic Personality Inventory: Validity and Implications for Clinical Assessment. **American Psychological Association**. vol. 15. n. 3. p. 340-350. 2003.

BERGAMO, Lilian Paula Degobbi; BAZON, Marina Rezende. Experiências infantis e risco de abuso físico: mecanismos envolvidos na repetição da violência. **Psicol. Reflex. Crit.**, porto alegre , v. 24, n. 4, p. 710-719, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-79722011000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2020

BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. (Caderno de Atenção Básica, 8) Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

_____. Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico. v. 49, n. 27, jun. 2018.

CARLSON, Mattew; OSHRI, A.; KWON, J. Child maltreatment and risk behaviors: The roles of callous/unemotional traits and conscientiousness. **Child Abuse & Neglect**. vol. 50. p. 234-243. Dec, 2015.

CESCA, B. Taís. **O papel do psicólogo jurídico na violência intrafamiliar**: possíveis articulações. Psicologia & Sociedade. 2014.

CHIOQUETTA, D. Rafaella. **Violência Doméstica contra crianças e adolescentes**: O berço do crime. Revista do laboratório de estudos da violência. Marília. 13.ed. Maio. 2014.

CIMA, Maaike; SMEETS, Tom; JELICIC, Marko. Sel-reported trauma, cortisol levels, and aggression in psychopathic and non-psychopathic prison inmates. **Biological Psychology**. vol. 78. p. 5-86. Apr, 2008.

CLECKLEY, Hervey. **The mask of sanity**: na attempt to clarity some issues about the so-called psychopathy personality. St. Louis: C.V. Mosby, 1976.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução Nº 009, de 25 de abril de 2018**. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

CRAPARO, Giuseppe; SCHIMMENTI, Adriano; CARETTI, Vincenzo. Traumatic experiences in childhood and psychopathy: a study on a sample of violent offenders from Italy. **European Journal of Psychotraumatology**. 2013.

DARGIS, Monica., NEWMAN, J., & KOENIGS, M. Clarifying the link between childhood abuse history and psychopathic traits in adult criminal offenders. **Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment**. vol. 7. n. 3. p. 221–228. 2016.

DARGIS, Monica; KOENIGS, Michael. Two subtypes of psychopathic criminals differ in negative affect and history of childhood abuse. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**: vol. 10. n. 4. p. 444–451. 2018.

DAVOGLIO, Tércia Rita et al . Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 17, n. 3, p. 453-460, Dec. 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Abr. 2020.

DEL-BEN, Cristina Marta et al. Confiabilidade da "Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV - Versão Clínica" traduzida para o português. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 23, n. 3, p. 156-159, Sept. 2001. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462001000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 mar. 2020.

DRISLANE, E. Laura; PATRICK, J.C; ARSAL, G. Clarifying the Content Coverage of Differing Psychopathy Inventories Through Reference to the Triarchic Psychopathy Measure. **American Psychological Association**. vol. 26. n. 2. p. 350-362. 2014.

DURAND, Guillaume; VELOZO, Joana de Calheiros. The interplay of gender parental behaviors and child maltreatment in relation to psychopathic. **Child Abuse & Neglect**. vol. 8. p. 120-18. Sep. 2018.

ESTEVES, Germano Gabriel Lima et al . Caracterização de Fatores de Risco para o Comportamento Criminal em Detentos. **Psico-USF**, Campinas , v. 23, n. 4, p. 719-730, Dec. 2018 . Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712018000400012&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Apr. 2020.

FARINA, S. J. Anne et al. Childhood Trauma and Psychopathic Features Among Juvenile Offenders. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**. vol. 62. p. 4359-4380. 2018.

FERGUSON, M. David; MCLEOD, F.H. G; HORWOOD, L. John. Childhood sexual abuse and adult developmental outcomes: Findings from a 30-year longitudinal study in New Zealand. **Child abuse & Neglect**37. pg. 664-672, Abr. 2013.

FINKELHOR, D.; TUCKER, C.J. A holistic approach to child maltreatment. **The lancet Psychiatry**, v.2, p. 480-1, jun. 2015.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérigamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 139-144, Aug. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000200139&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Apr. 2020.

FRAGKAKI, Iro et al. Daily oxytocin patterns in relation to psychopathy and childhood trauma in residential youth. **Psychoneuroendocrinology**: vol. 102. p. 105-111. Apr, 2019.

FRITZEN, H. Fabiana; SEHNEM, B. S. **Psicopatia**: um estudo com detentas. Pesquisa em Psicologia. Anais eletrônicos. p. 255-269. 2018.

GAO, Y et al. Early maternal and paternal bonding, childhood physical abuse and adult psychopathic personality. **Psychological Medicine**. p. 1007-1016. 2010.

GARBIN, S. A. Cléa et al. A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes. Psicologia em revista. vol. 18. n. 1. p. 107-118. Belo Horizonte. abr, 2018.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. Abuso, negligência e parricídio: um estudo de caso. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 18, n. 1, p. 219-230, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2020.

GRAHAM, Nicole et al. Associations among childhood abuse and psychopathy facets in male sexual offenders. **Personality disorders: theory, research, and treatment**, p. 66–75. 2012.

GRASSI-OLIVEIRA, Rodrigo; STEIN, Lilian Milnitsky; PEZZI, Júlio Carlos. Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 40, n. 2, p. 249-255, Abr. 2006 . Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2020.

HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia Helena. **Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

HARE, D. Robert; NEUMANN, S. C. Psychopathy as Clinical and Empirical Construct. **Annual Review of clinical psychology**. p. 217-246. 2008.

HARE, Robert D. **Sem Consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós**. Trad. de Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed. 2013.

HAUCK FILHO, Nelson; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia. Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Aval. psicol.*, Porto Alegre , v. 8, n. 3, dez. 2009.

HOLLERBACH, Pia et al. Main and Interaction effects of childhood trauma and the MAOA uVNTR polymorphism on psychopathy. **Psychoneuroendocrinology**: vol. 95. p. 106-112. Sep, 2018.

HUIZINGA, David et al. Childhood Maltreatment, subsequent antisocial behavior and the role of monoamine oxidase A genotype. **Biological Psychiatry**. vol. 60. p. 677-683. Oct, 2006.

HUTZ, S. Claudio; SILVA, M. F. D. Avaliação Psicológica com crianças e adolescentes em situação de risco. **Avaliação Psicológica**. Porto Alegre. p. 73-79. 2002.

KIMONIS, R. Eva et al. Maternal Care, Maltreatment and Callous-Unemotional Traits Among Urban Male Juvenile Offenders. **J Youth Adolescence**. p. 165-177. 2013.

KLIKA, J. Bart., HERRENKOHL, T. I., & LEE, J. O. School Factors as Moderators of the Relationship Between Physical Child Abuse and Pathways of Antisocial Behavior. **Journal of Interpersonal Violence**. p. 852–867. 2013.

KOLLA, J. Nathan et al. Disentangling possible effects of childhood physical abuse on gray matter changes in violent offenders with psychopathy. **Psychiatric Research: Neuroimaging**. vol. 21. p. 123-126. Feb, 2014.

KONGERLEV, T. Mickey et al., **Psychometric validation of the Childhood Trauma Questionnaire- Short Form (CTQ-SF) in a Danish clinical sample.** *Child Abuse & Neglect.* 2019.

KRISCHER, K. Maya; SEVECKE, Katgrin. Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. **International journal of law and psychiatry.** P. 253-262. 2008.

LANSFORD, E. Jennifer et al. Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. **Arch pediatrics.** Vol. 156. p. 824-830. Aug, 2002.

MAIA, M.D. Joviane; WILLIAMS, C.A. Lucia. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em psicologia.** v. 13, n.2, 2005.

MARSH, A. Abigail; BLAIR, R. J. R. Deficits in facial affect recognition among antisocial populations: A meta-analysis. **Neuroscience and Biobehavioral Reviews.** p. 454-465. 2008.

MOURA, B. Cynthia et al. Caracterização da clientela pré-escolar de uma clínica-escola brasileira a partir do *Child Behavior Checklist (CBCL)*. **Contextos Clínicos.** v. 1. n.1. jan-jun, 2008.

NEUMANN, S. Craig; PARDINI, Dustin; Factor Structure and Construct Validity of the Self-Report Psychopathy (SRP) Scale and the Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI) in Young Men. **Journal of Personality Disorders,** 28(3). p. 419-433. 2014.

NIJENHUIS, R. S. Ellert; HART, V. O; KRUGER, K; The Psychometric Characteristics of the Traumatic Experiences Checklist (TEC): First Findings Among Psychiatric Outpatients. **Clinical Psychology and Psychotherapy.** p. 200-210. 2002.

OLIVEIRA Alessandra Carvalho de Lopes. Análise da Figura do Psicopata sob o ponto de vista Psicológico-Moral e Jurídico-Penal. Puc-Rio. Departamento de Direito. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpq/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CSS/DIR/DIR_Alexandra%20Carvalho%20Lopes%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

PATIAS, Naiana Dapieve; SIQUEIRA, Aline Cardoso; DIAS, Ana Cristina Garcia. Bater não educa ninguém! práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. **Educ. Pesqui.,** São Paulo, v. 38, n. 4, p. 981-996, Dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2020.

ROVINSKI, S. L. R.; PELISOLI, C. D. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: testemunho e avaliação psicológica.** 1. ed. São Paulo: Vetor, 2019.

RUBY, Eugene et al. Influence of early trauma on features of schizophrenia. **Early intervention in psychiatry.** p. 322-333. 2017.

SÁ, Alvino Augusto. **Criminologia Clínica e Psicologia Criminal.** São Paulo. Revista dos Tribunais, 2014.

SADEGHI, Shahin et al. Relationship Between Traumatic Experiences and Somatic Symptoms Severity in Students. **Practice in Clinical Psychology.** v. 10. n. 3. p. 211-215. July, 2017.

SALVADOR-SILVA, Roberta et al. Psicopatia e comportamentos interpessoais em detentos: um estudo correlacional. **Aval. psicol.** 2012, v. 11, n. 2, p. 239-245. ISSN 1677-0471.

SANDERS, Barbara; BECKER-LAUSEN, Evvie; The Measurement of Psychological Maltreatment: early data on the child abuse and trauma scale the measurement of psychological. **Child Abuse & Neglect.** Vol. 19. n. 3 p. 315-323. 1995.

SANTOS, Seille Garcia. A entrevista em avaliação psicológica. **Revista on-line Especialize.** ed. 8. vol. 1. set, 2014.

SAPIENZA, Grazieli; PEDROMÔNIO, R.M. Márcia. Risco, Proteção e Resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo.** Maringá, v. 10, n.2, 2005.

SCHIMMENTI, Adriano et al. Abuse in childhood and psychopathic traits in a sample of violent offenders. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy.** vol. 7. n. 4. p. 340-347. 2015.

SEMIZ, B. Umit et al. Childhood trauma history and dissociative experiences among Turkish men diagnosed with antisocial personality disorder. **Soc Psychiat Epidemiol** . p. 865–873. Aug, 2007.

SILVA, L. M. Inês. **Impacto Psicossocial da Negligência Física e Emocional: Diferenças entre a Negligência Física e a Negligência Emocional.** Dissertação de Mestrado. ISPA. 2019.

TARDIVO, Leila Salomão de la Plata Cury; PINTO JUNIOR, Antonio Augusto; DOS SANTOS, Márcia Regina. Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência

doméstica por meio do teste das fábulas de Düss. **Psic**, São Paulo , v. 6, n. 1, p. 59-66, jun. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em : DATA. 01 abr. 2020.

TRINDADE, Jorge et al. **Psicopatia**: a máscara da justiça. Livraria do advogado. Porto Alegre. 2009.

VASCONCELLOS, L. J. Silvio; LAGO, M. Vivian. a psicologia jurídica e as duas interfaces : um panorama atual. editora ufsm. santa maria. 2016.

VASCONCELLOS, Silvio José Lemos et al . Psicopatia e reconhecimento de expressões faciais de emoções: uma revisão sistemática. **Psic.: teor. E pesq.**, Brasília , v. 30, n. 2, p. 125-134, junho, 2014. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2020.

WALLER, Rebecca et al. Unique and Interactive Associations Between Maltreatment and Complex Emotion Recognition Deficits and Psychopathic Traits in an Undergraduate Sample. **Journal of Personality Disorders**: vol. 32, n. 4, p. 543-561. 2018.